

Sexualidade E Espiritualidade: Confrontando Prazer E A Mística Pelas Linhas Do Cântico Dos Cânticos E Do Kama Sutra

Ricardo Soares Nogueira

é Mestre em Teologia, Especialista em Docência do Magistério Superior e Licenciado em Filosofia. É Embaixador da Paz. Foi cadastrado na Associação Brasileira de Cristãos na Ciência e na Associação Brasileira de Filosofia da Religião. Co-fundador do Betel Flor de Açucena da OIFDJ. É Líder do Grupo de Pesquisa em Religiosidades Aplicadas às Humanidades – GPRHUM. É Sacerdote Emérito e Maçom Adormecido. Correio eletrônico

RESUMO: A questão somática e toda mística que a envolve apresentadas em dois clássicos religiosos, um judeu e outro hindu são exploradas nesta Pesquisa Aplicada de acordo com os desafios de se resgatar a realização plena da felicidade pessoal e de alteridade. A sexualidade abordada sem preconceitos e arquétipos, mas do ponto de vista espiritual pretende entregar ao leitor elementos para compreender que do corpo, como veículo energético-espiritual, pode-se desenvolver a espiritualidade e o sucesso.

PALAVRAS-CHAVES: ágape, monogamia, poliginia.

Saudações Metafísicas! Estas reflexões iniciar-se-ão do pressuposto do chacra *svadhisthanacomo* veículo de concretude de uma espiritualidade iniciada no amor e no deleite sexual. Todos os agradecimentos pelo conjunto do texto à Är-Rena.

Date of Submission: 03-02-2020

Date of Acceptance: 18-02-2020

I. DA HISTÓRIA DO DESPÉRDÍCIO ENERGÉTICO

A história da humanidade no campo da sexualidade encontra-se entre o proibido e o curioso. Se o Criador nos fez sexuados, por que as criaturas depravaram a criação? Pudor, virgindade, celibato, castidade, fornicção, matrimônio, etc... todas orientações socioculturais para o básico que é biológico e o consciencial que é transcendental. Cortesãs, sacerdotisas vestais, gueixas, pombas giras, prostitutas, *sugar baby* todas manifestantes de práticas que desencadeiam posturais sociais diferentes, mas que, no entanto, excluem ou esquecem o caráter metafísico da sexualidade. Já em 1 Sm. 18, 1-4 e 1 Rs 1, 1-4, Davi mostrara-se um perito magnetizador usufruindo da sexualidade como mecanismo energético metafísico, verificando-se isso com as personagens da Sunamita e da Sulamita presentes na vida de pai e filho, Davi e Salomão. Quanto aos demais seres humanos, estes também podem se beneficiar do sexo espirituoso como transcendência para seu ser.

No entanto, a história de homens e mulheres é a história da profissionalização da prostituição, caracterizando o vampirismo pela má canalização de energias. Prostituir-se hoje ganhou diferentes justificativas como compra de automóvel, pagamento de mensalidades de cursos superiores, puro divertimento, complementação da renda (visto que algumas garotas de programa possuem empregos formais, mas utilizam-se da prostituição para ter mais ganhos financeiros em um mês), pagamento de aluguel, criação dos filhos, compra de bens de consumo de último lançamento e até tratamento de saúde. Sem contar os riscos da profissão como violência física que algumas profissionais do sexo relatam por parte de alguns clientes, roubo de bens como aparelhos telefônicos móveis, não pagamento do valor do programa ou pagamento inferior ao preço acertado antes do início do programa e às vezes tentativa de sexo forçado sem o uso de preservativos são alguns dos problemas enfrentados pelas profissionais do sexo. Do outro lado os clientes são persuadidos com falsas histórias de vida, com psicologismos, com a beleza e a juventude, etc... A rede mundial de computadores tem disponibilizado as vantagens e facilidades do 'sexo seguro' com suas práticas facilitadas. Com telefonemas ou contatos por redes sociais, a garota de programa é chamada. Sua profissionalização tem um *modus operandi* com sorrisos, boa conversa e poucas roupas, massagens, facilidades de pagamento, ambientação em locais para prática do sexo nas cidades com acesso à produção cinematográfica especializada. O 'vampirismo' energético ocorre sem que as partes percebam e a espiritualidade, tendo a sexualidade como epifania e veículo transmissor, é desperdiçada. No entanto, o que há é o esvaziamento das oportunidades místicas de canalizar o sexo para a elevação da espiritualidade, algo que os povos antigos haviam prescrito para uma vida mais saudável e feliz.

Da afetividade, passando pela sexualidade e enfim pela genitalidade o processo não aproveita toda carga espiritual que é proposta. Observa-se isso já pela ideia do nu e da negação do próprio corpo. O nu como proibido, fora construído a partir dos padrões sociais vigentes, como também dos estéticos e morais, interferindo

em seu significado místico, religioso, com toda beleza anatômica esquecidos pelos puritanos. Seus fundamentos no naturalismo e no idealismo, tais como o erotismo como atração, desejo, apetite são mais acentuados, conduzindo os ideais de harmonia para se obter energia, êxtase, humildade e *pathos* foram suprimidos. O nu deu lugar a bruxarias, censuras e a demonologia enriqueceu seu acervo imaginário com o tema. O nu artístico como representação da forma carnal deu lugar a *porneia*, ao vulgar. O erotismo esqueceu sua mística e finalidade.

II. O CANTARES

Sendo o único livro canônico do rol judaico-cristão que não menciona o nome do Criador, Salomão brindou a humanidade com um texto poético-metafísico que enaltece o amor entre um homem e uma mulher. Salomão tendo vivido suas paixões e amores, compreendeu o potencial da transcendência pelas vias da metafísica do amor. Curiosamente, os sessenta e seis livros canônicos da tradição religiosa que tem influenciado o ocidente há 500 anos quando o monge agostiniano pregou as suas noventa e nove teses, é um roteiro de histórias sexuais de vários povos que se cruzam. Percebe-se uma neurose no Antigo Testamento com o prepúcio alheio por parte daqueles que se diziam tocados e autorizados pelo Criador a conduzirem seus povos. Já no Novo Testamento, o assunto é menos explorado. Perversões sexuais, ou pelo menos as que são tidas como, são de menor importância para Jesus que ensina que o indivíduo não será salvo por seu aparelho reprodutor, mas pelo que traz no coração. Caberá a Paulo de Tarso cercear a sexualidade alheia nas comunidades em que os primeiros passos da cristandade se formarão. Entretanto, estas linhas abordarão o Cantares neste tópico.

Talvez o puritanismo não compreendeu as menções sobre o unguento do marido declarado por sua esposa. Observa-se a esposa declarar: “Beija-me com os beijos de tua boca; porque melhor é o teu amor do que o vinho. Suave é o aroma dos teus unguentos, como unguento derramado é o teu nome; por isso, as donzelas te amam” (1993, p. 464). Não seria este unguento o sêmen aqui o objeto de alegria da esposa? Adiante a mesma esposa apaixonada por seu esposo diz: “O meu esposo é para mim um saquitel de mirra, posto entre os meus seios” (idem, p. 465). Um saquitel entre os seios para conferir cheiro, odor e lembranças da bolsa escrotal do marido? Tais práticas podem parecer escandalosas quando são pensadas na tradição ocidentalista, porém apresentam ‘normalidade’ na tradição orientalista por que é comum que tudo que venha do oriente seja pagão. Como se o Oriente Médio não fosse oriente. Assim, as posições sexuais do Kama Sutra são perversão, mas a mente supostamente pervertida da tradição judaico-cristã é correta aos olhos de todos da cristandade, o que Jesus abertamente condenou em Mt. 5,28.

Salomão pode ter escrito implicitamente práticas sexuais compartilhadas por outros povos, que o sábio rei descobrira como poder e fonte de energia espirituais. A virilidade, práticas sexuais não muito convencionais para os cristãos de uma ‘Europa civilizada’ e a genitália masculina são lembranças e deleite constante por parte da esposa. A mesma afirma: “Qual macieira entre as árvores do bosque, tal é o meu amado entre os jovens; desejo muito a sua sombra e debaixo dela me assento, e o seu fruto é doce ao meu paladar” (idem ibidem, p. 465).

Por sua parte o esposo cita a beleza e a sexualidade de sua esposa com declarações como: “Os teus dois seios são como duas crias, gêmeas de uma gazela, que se apresentam entre os lírios (...) Os teus lábios, noiva minha, destilam mel. Mel e leite se acham debaixo da tua língua” (idem ibidem, p. 466). Aqui algo curioso é percebido. O Cântico dos Cânticos de Salomão é no estilo de um jogral alternando-se a esposa, o coro e o esposo. Primeiro, tratando-se da esposa, em alguns versículos ela é tratada como noiva, isto é, a relação social entre ambos ainda não é oficial, não ocorreu o casamento, porém o esposo imagina a nudez de sua amada e a sexualiza descrevendo certas intimidades que levam o leitor a pensar que o sexo era praticado antes do matrimônio judeu, contrariando até mesmo a lei mosaica. Em seguida:

(...) Os maneios dos teus quadris são como colares trabalhados por mãos de artista. O teu umbigo é taça redonda, a que não falta bebida; o teu ventre é monte de trigo, cercado de lírios. Os teus dois seios, como duas crias, gêmeas de uma gazela. O teu pescoço, como uma torre de marfim; os teus olhos são as piscinas de Hesbom, junto à porta de Bate-Rabim; o teu nariz, como a torre do Líbano, que olha para Damasco. A tua cabeça é como o monte Carmelo, a tua cabeleira, como a púrpura; um rei está preso nas tuas transas. Quão formosa e quão aprazível és, ó amor em delícias! (idem ibidem p. 468).

Segundo, todo o corpo feminino é descrito na presença de terceiros, mas quem ou o que é o coro? As demais mulheres do harém de Salomão? Sua coorte que se rejubila por sua justiça, suas conquistas e sua arte de amar? Seres presentes no ato sexual para ajudar a desenvolver as energias da consciência humana? Cabe ao Coro engrandecer as belezas corporais dos dois amantes e relacioná-las com a beleza da Criação.

Em todo o Cântico dos Cânticos de Salomão a natureza é uma referência constante. Animais e plantas ornamentais e medicinais aparecem descritas lembrando os leitores da beleza natural do homem e da mulher, reinserindo-os no Éden. Deste amor humano e sobrenatural, não há restrições sociais. O sagrado livro narra uma beleza carnal que pode ocorrer tanto na monogamia quanto na poliginia. Apesar de ter uma vida sexual com mais de uma parceira, parece-nos que nem todas possuem preferência por parte do amado. A preferência dependerá de uma sintonia espiritual, pois: “Sessenta são as rainhas, oitenta, as concubinas, e as virgens, sem

número. Mas uma só é a minha pomba, a minha imaculada, de sua mãe, a única, a predileta daquela que a deu à luz; viram-na as donzelas e lhe chamaram ditosa; viram-nas as rainhas e as concubinas e a louvaram”. (idem ibidem, p. 467). Aqui a ‘imaculada’ é a pura de espírito que se destaca e que se unirá ao amado para cantar por toda a Criação os louvores ao Criador que espiritualmente lhes entregou o amor como forma de elevação. Em outros versículos, a natureza e os elementais são introduzidos na espiritualidade do amor com toda força de sua sexualidade. Vejamos:

Eu sou do meu amado, e ele tem saudades de mim. Vem, ó meu amado, saíamos ao campo, passemos as noites nas aldeias. Levantemo-nos cedo de manhã para ir às vinhas; vejamos se florescem as vides, se se abre a flor, se já brotam as romeiras; dar-te-ei o meu amor. As mandrágoras exalam o seu perfume, e às nossas portas há toda sorte de excelentes frutos, novos e velhos; eu tos reservei, ó meu amado” (idem ibidem, p. 468).

Ademais, passaremos a outra tradição religiosa para encontramos traços em comum acerca do poder espiritual da sexualidade.

III. DO TEXTO HINDU DO AMOR

No orientalismo hindu a tradição religiosa foi prestigiada pelo clássico de Vatsyayana, Kama Sutra. Nesta obra o autor apresenta a espiritualidade, a riqueza e a sexualidade em perfeita harmonia. A primeira e a última nos interessam. Seu texto saúda o Dharma, o Artha e o Kama com o prefácio “o Senhor dos Seres criou os homens e as mulheres” (VATSYAYANA, 2011, p. 23) e seus principais aforismos sobre o amor narramos abraços (Samprayogika), as uniões (KanyaSamprayuktala), a esposa (Bharyadhikarika, as esposas alheias (Paradyka), as cortesãs (Vaisika) e sobre a sedução e os afrodisíacos (Aupamishadika).

Sua sabedoria orienta-nos para o equilíbrio entre a sexualidade e a espiritualidade como aquisição de Artha inclusive.

O homem, cujo período de vida é de cem anos, deve praticar Dharma, Artha e Kama em épocas diferentes e de tal modo que eles possam, harmonizar-se sem o menor desacordo. Deve adquirir instrução na infância, na juventude e, na idade madura, se ocupará com Artha e Kama, e na velhice perseguirá Dharma, procurando assim conquistar o Moshka, ou seja, a dispensa de posterior transmigração. Ou, dado à incerteza da vida, poderá praticá-los nas épocas que lhe forem prescritas. Uma coisa a notar, porém, é que o homem deverá levar a vida de um estudante religioso até haver concluído sua educação. (Idem, p. 27).

Semelhanças entre Vatsyayana e o poder e necessidade de canalização da energia espiritual outrora denominada de libido pelo excelente médico dos sonhos é encontrada na explicação hindu, onde “Kama é a fruição dos objetos apropriados pelos cinco sentidos: a audição, o tato, a visão, o paladar e o olfato, auxiliados pela mente e em conjunto com a alma (...) a consciência do prazer oriunda desse contato chama-se Kama.” (idem ibidem, p. 27).

O ocidente com seu hábito de desprezo ou de menosprezar os povos além do mundo eurocêntrico ‘popularizaram’ o Kama Sutra com edições ilustradas de posições sexuais incompreensíveis ou talvez impraticáveis. No entanto, o leitor da obra sagrada hindu entenderá que as posições ajudam a ativar os chacras e que dependerão de cada homem e cada mulher envolvidos e assim classificados para os tipos de união sexual de acordo com as dimensões da genitália, a força e o desejo da paixão, do amor e do tempo, pois Vatsyayana descreve que “O homem divide-se em três classes, ou seja, o homem-lebre, o homem-touro e o homem-cavalo, segundo o tamanho de seu *lingam*. Também a mulher, de acordo com a profundidade de seu *yoni*, pode ser uma corça, uma égua ou uma elefoa” (Idem, ibidem, p. 49).

O que chama atenção em um texto erótico e religioso aos padrões atuais é a ênfase e importância dada aos arranhões, as mordidas, as marcas deixadas na mulher e o uso de certos objetos para violência no ato sexual, tão importantes quanto os abraços, beijos e carícias, ganhando capítulos a parte e explicações minuciosas de como proceder. É de conhecimento da esotérica que certos gritos, pulos e etc... ajudam no despertar do transe sensitivo ou mediúnic, assim “O intercuro sexual pode ser comparado a uma briga, em virtude das contradições do amor e de sua tendência à disputa” (idem ibidem, p. 73). Quiçá aqui o corpo físico em alguns momentos precise sincronizar o prazer com a mortificação, semelhante aos casos de espiritualidade e jejum ou suplício, por que esses instrumentos aparecem na obra religiosa com a seguinte descrição:

A cunha para o colo, a tesoura para a cabeça, os instrumentos perfurantes para as faces e as pinças para os seios e flancos podem também ser levados em consideração, com as outras quatro modalidades de bater, que assim ficam oito completas. Mas estas quatro formas de golpear com instrumentos são características da gente das regiões sulistas, e vêem-se as marcas de tais práticas nos seios das mulheres. Trata-se de características regionais, mas Vatsyayana é de opinião que esse costume é doloroso, bárbaro, baixo e inteiramente indigno de imitação. (idem ibidem, p. 75).

Apesar de o Kama Sutra descrever o ato sexual em si em boa parte da obra, o texto não se resume a genitalidade. Esta é na verdade a etapa final do processo do kama. As imposições sociais como monogamia e adultério não são vistas com menosprezo em algumas de suas linhas, pois ao homem é lícito se relacionar com outras mulheres, desde que evite se relacionar com as casadas. O harém real é objeto dos sonhos, semelhante ao

harém de Salomão, pois não é a quantidade de mulheres e relações o que interessa espiritualmente, mas a(s) mulher(es) onde o homem encontra meios para espiritualidade através do prazer sexual. O adultério somente existe se praticado pelo homem com interesse em uma mulher casada, o que apresenta semelhanças com o Decálogo, visto que em Êx. 20, 14 a lei é destinada ao varão israelita e registre-se também a interpretação dada pelo tradutor da obra Kama Sutra em língua portuguesa em uma de suas notas de rodapé: “A mulher é um animal monógamo, e ama apenas um, e gosta de sentir-se só na afeição de um único homem, não tolerando rivais. Pode ser também tomado como regra geral o fato de que as mulheres casadas ou mantidas por homens ricos os amam por sua riqueza apenas, e não por eles próprios” (cf. notas de rodapé, p. 103).

O homem inteligente, havendo aprendido dos Shastras as maneiras de conquistar as esposas alheias, jamais será logrado no que toca às suas próprias esposas. Ninguém, entretanto, deverá fazer uso destas formas de sedução das esposas alheias porque elas não dão invariavelmente certo e, com frequência, ademais, resultam em desastres e na destruição de Dharma e Artha. Este livro, que se destina ao bem das pessoas, a ensinar-lhes as maneiras de guardar suas esposas, não deverá ser empregado com o mero propósito de conquistar as esposas alheias. (idem ibidem, p. 144).

Quanto as cortesãs estas aparecem bem no final do Kama Sutra e sua importância é acentuada no contexto geral do texto sagrado. Talvez o leitor deste artigo que desconheça o texto de Vatsyayana fique em dúvidas se o Kama Sutra é realmente uma obra religiosa. Para fundamentar tal argumento deste artigo lembramos que o Kama Sutra narra a importância dos deuses, dos espíritos e do panteão hindu rumo ao Dharma, Artha e Kama na plenitude desta existência para se ganhar o direito ao Moshka. Em segundo, afirmar que o Kama Sutra não é um texto sagrado é o mesmo que afirmar que a coletânea dos sessenta e seis livros da cristandade ocidental também não o são, visto que em ambos a história da sexualidade está descrita e a espiritualidade implícita nela.

Quanto ao sexo sagrado, temos que:

Quando uma cortesã, atendendo ao pedido de um amigo, ou por um sentimento de piedade, tem intercurso sexual com um letrado Brâmane, um estudante religioso, um sacrificador, um devoto ou um asceta, que possa ter-se apaixonado por ela, estando por isso a ponto de morrer – ela pode ganhar ou perder o mérito religioso e, em consequência, esta é chamada uma dúvida mista quanto ao ganho e a perda de mérito religioso. (idem ibidem, p. 171).

E em outra passagem:

Os meios de estimular o amor e o vigor sexual são ensinados na ciência médica, nos Vedas, pelas pessoas versadas nas artes da magia e pelos parentes íntimos. Não se deve experimentar nenhum meio de efeito duvidoso, capaz de prejudicar o corpo, que implique na morte de animais e conduza ao contato com coisas impuras. Os únicos meios a empregar são aqueles que sejam santos, reconhecidamente bons e aprovados pelos Brâmanes e amigos (idem ibidem, p. 178).

Por fim, as relações e semelhanças entre o Cântico dos Cânticos e o Kama Sutra são visíveis na importância dada aos unguentos e poções para que a sexualidade possa atingir um nível espiritual e transcendental. Salomão intercala os amados com o Coro e apresenta a necessidade do uso de certos unguentos e outros preparos, como, por exemplo, o nardo, o açafraão e a mirra. Estes preparos e misturas aparecem no Kama Sutra para o melhor desempenho sexual.

Um unguento feito das flores da *naucleacadamba*, da cajá e da *eugenia jambolona*, utilizado por uma mulher, fá-la detestada por seu marido.

Guirlandas feitas das mesmas flores acima mencionadas, quando usadas por uma mulher, produzem o mesmo efeito.

Um unguento feito do fruto da *asteracantha longifolia* (*kokilaksha*) contrairá por uma noite o yoni de uma mulher Hastini, ou Elefoa.

O unguento feito com as raízes moídas *donelumbriumspeciosume* do lótus azul, e o pó da *plantaphysalis flexuosa*, misturados com manteiga líquida de búfala e mel, alargará o yoni da mulher Migri, ou Corça.

O unguento feito do fruto da *emblicamyabolans* embebido no suco leitoso de sebe, da planta *soma*, da *calotropisgigantea*, e no suco do fruto da *vernoniaanthelmintica*, tornará brancos os cabelos. (idem ibidem p. 181).

Os unguentos presentes nas tradições religiosas para junto dos óleos sagrar reis, e utilizados nos ritos sacramentais para configurar o Espírito Santo que penetra no indivíduo transformando-o, é um sacramental presente no amor conjugal-sexual, no amor ágape como algo que configura identidade e impregna a vida como um todo. Alegoricamente também o leite, desde a Terra que mana Leite e Mel (Cf. Dt. 26,9) é leite que alimenta o corpo e a alma. O leite é vida e vida depende das relações prazerosas entre indivíduos que se amam e que entendem que o sexo está além da procriação, mas que é possibilidade de ascensão do espírito para uma consciência mais emancipada. Todos elementos encontrados na natureza por esta instigar os sentidos humanos,

causando-lhes conforto e prazer. Somente com o corpo em harmonia com o todo, a mente será capaz de elevar-se ao espírito.

Quanto aos outrora mencionados saquitéis de mirra, recorda-se que a mirra é um dos presentes apresentados em Mt. 2, 11. Assim, a mirra encontrada na fala da esposa “O meu amado é para mim um saquitel de mirra, posto entre os meus seios” (1993, p. 465) e que juntamente com os outros dois presentes exaltam a figura do rei, sacerdote e oferenda, é posto em relação ao Dharma, Artha e Kama do clássico hindu, ressaltando riqueza, espiritualidade e sexualidade do amor como oferenda, como sacrifício, doação, ágape, entrega e ternura. Onde:

Dharma é obediência à ordem dos Shastra, ou Escritura Sagrada dos hindus para fazer certas coisas como os sacrifícios que, em geral, não são feitos por não pertencerem a este mundo e não produzirem nenhum efeito visível; e para não fazer outras, como comer carne, o que é feito com frequência, porque pertence a este mundo e produz efeitos visíveis.

Dharma deve ser aprendido no *Shruti* (Escrita Sagrada) e com aqueles que o explicam. (VATSYAYANA, 2011, P. 27).

Desta maneira, apresentaram-se argumentos para compreensão que a sexualidade é um caminho espiritual para plenitude da consciência humana a partir de dois grandes livros religiosos de tempos e culturas diferentes. Tanto Salomão quanto Vatsyayana brindaram a literatura mística e esotérica com seus escritos. De maneira nostálgica e poética cada parágrafo e verso deixam a cargo da imaginação do leitor a beleza da nudez humana e toda energia emanada do amor.

Forte abraço quântico!

REFERÊNCIAS:

- [1]. **BÍBLIA SAGRADA**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada. 2 ed. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993, p. 464-469.
- [2]. VATSYAYANA. **Kama Sutra**. Tradução de Marcos Santarrita. 5ª reimpressão. São Paulo -SP: Ed. Martin Claret, 2011.

Ricardo Soares Nogueira,etal. "Sexualidade E Espiritualidade: Confrontando Prazer E A Mística Pelas Linhas Do Cântico Dos Cânticos E Do Kama Sutra." *IOSR Journal of Humanities and Social Science (IOSR-JHSS)*, 25(2), 2020, pp. 29-33.